

PERCEPÇÕES SOBRE A INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO EM TIRADENTES

Profa. Ms. Fabiana Mendonça Pires¹

Profa. Dra. Marta Araújo Tavares Ferreira²

RESUMO:

As estatísticas mundiais sobre o turismo revelam um crescimento expressivo da atividade, principalmente nos últimos 50 anos, crescimento que também tem sido vivido no Brasil. O patrimônio histórico e cultural representa um importante atrativo turístico. Um dos grandes desafios dos núcleos receptores de relevância patrimonial é proporcionar ao patrimônio e ao turismo uma convivência saudável. Na busca por uma visita proveitosa e responsável, a interpretação patrimonial surge como uma alternativa de intervenção. A interpretação patrimonial fornece aos visitantes informações que revelam a identidade e desvendam o significado do patrimônio, estabelecendo a comunicação com o visitante e ampliando sua rede de conhecimentos. Neste artigo, o projeto de interpretação patrimonial de Tiradentes, MG, implantado em 2001, é analisado. Conclui-se que projetos interpretativos necessitam da real participação da população local; de materiais e design adequados nas peças; de roteiros de implantação minuciosos; e de acompanhamento e manutenção sistemáticos.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Turismo Cultural; Técnicas Interpretativas.

¹ Pires é turismóloga, Coordenadora do Curso de Turismo do Centro Universitário Newton Paiva e Mestre em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário UNA. E-mail: fabipires@hotmail.com

² Ferreira é Doutora em Engenharia de Produção pela École Centrale de Paris e Professora do Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA. E-mail: martaaraujo@una.br

1. INTRODUÇÃO

O turismo vem se destacando como uma atividade em expansão no mundo, revelando-se como um negócio de grandes proporções. No Brasil, o turismo é uma das atividades econômicas que mais cresce. De acordo com dados da EMBRATUR, no ano de 2000 o Brasil recebeu 5,3 milhões de turistas, enquanto em 1994, 1,9 milhões, o que indica um crescimento de aproximadamente três vezes, representando o ingresso de divisas da ordem de US\$ 1,93 bilhão em 1994 e US\$ 4,23 bilhões em 2000 (EMBRATUR, 2005).

Em Minas Gerais, o turismo cresceu 47% entre 1998 e 2001, atingindo um total de 3.874.574 turistas naquele ano, apresentando o segundo maior crescimento entre os estados brasileiros. Isto representou para o estado um acréscimo da receita com o turismo de aproximadamente 150% entre 1998 e 2001 (SETUR, 2001).

Um dos grandes desafios enfrentados ao se trabalhar o turismo em uma localidade é fazer com que esta atividade e o ambiente encontrem um ponto de equilíbrio para que os impactos negativos sejam minimizados e os positivos maximizados. Dessa forma, instrumentos de gestão são imprescindíveis. A interpretação patrimonial vem despontando como um desses instrumentos, uma grande aliada das cidades históricas com potencialidade turística.

A interpretação patrimonial pode ser definida como uma estratégia de apresentação do patrimônio que utiliza um conjunto de técnicas de comunicação a fim de facilitar a interação entre o patrimônio e a sociedade (MORALES, 2004), utilizada inicialmente nos Estados Unidos da América, desde o final do século XIX.

No Brasil a interpretação do patrimônio vem sendo divulgada desde meados da década de 1990, já contando com alguns exemplos de implantação desta prática, como os projetos de interpretação realizados em São João del Rei, MG, em 1999, e em Tiradentes, MG, em 2001, cidades turísticas com um rico acervo histórico-cultural do barroco mineiro do século XVIII (GOODEY e MURTA, 2002).

O pressuposto norteador desta pesquisa é que a interpretação patrimonial deve ser utilizada em cidades históricas brasileiras com potencialidade turística de forma a democratizar o

acesso, a compreensão e a apreciação do seu patrimônio histórico e cultural, bem como a satisfação de seus visitantes. E para que essa interação ocorra, é necessário revelar ao visitante o significado do patrimônio, apresentando respostas às questões que ele se coloca perante as obras, utilizando-se de meios que transmitam as mensagens desejadas.

No entanto, é necessário estudar a aplicabilidade da interpretação patrimonial à realidade brasileira. Na Europa muito se tem pesquisado sobre a interpretação patrimonial (ÁLAMO, 1999). Entretanto, são raros os estudos no Brasil. Dessa forma, é essencial a investigação sobre a percepção dos visitantes sobre os projetos de interpretação implantados no Brasil, para que se alcance uma maior compreensão da contribuição da interpretação na relação entre o patrimônio histórico e o visitante³ nestes ambientes.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é avaliar a percepção dos turistas e dos moradores de Tiradentes acerca do projeto de sinalização interpretativa. São objetivos específicos: discutir o uso da interpretação como ferramenta de gestão em cidades de relevância histórica e identificar paralelos entre os objetivos propostos para a sinalização interpretativa em Tiradentes e a situação atual.

A escolha de Tiradentes como objeto de estudo de caso se deu por ser uma localidade turística de relevância patrimonial, com altas taxas de visitação, onde foi executado o mais recente projeto de interpretação patrimonial de Minas Gerais.

Para a realização desta pesquisa foi feita a opção pela abordagem qualitativa e a realização de um estudo de caso. No bojo do estudo de caso, foi realizado um levantamento, ou seja, uma busca de informações mediante a aplicação de formulário junto a uma amostra de pessoas acerca do problema estudado. Foram aplicados dois tipos de formulários – um destinado à população local e outro aos turistas. Do total de 173 pessoas pesquisadas, 80 eram habitantes de Tiradentes e 93 eram turistas. Os formulários foram aplicados nos dias 16, 17 e 18 de dezembro de 2005. Foram também realizadas pesquisa documental e uma entrevista com a coordenadora do projeto de sinalização interpretativa de Tiradentes.

³ Optou-se por identificar os visitantes como todas as pessoas que visitam um atrativo, sejam elas turistas ou população local.

Para a abordagem aos turistas de Tiradentes, foram selecionados alguns pontos do centro histórico da cidade: o Chafariz de São José, o Museu Padre Toledo e a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Esses locais foram escolhidos por possuírem painéis interpretativos, localização privilegiada que permitisse uma boa circulação de turistas e por serem considerados atrativos históricos de grande relevância para cidade, ou seja, identificados como edificações de alto grau de atratividade.

A pesquisa com os turistas baseou-se numa amostragem aleatória, sendo que não existem dados quantitativos confiáveis a respeito do número de turistas que visitam cada um dos atrativos de Tiradentes. Entretanto o Chafariz de São José, por não cobrar entrada e por estar inserido num ambiente natural, com áreas propícias para encontros e descanso, recebe o maior número de turistas. Assim, dos 93 formulários aplicados aos turistas, 68% foram aplicados no Chafariz de São José, 23% no Museu Padre Toledo e 9% na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Quanto à pesquisa com a população local, baseou-se também numa amostragem aleatória. Buscou-se entrevistar os transeuntes do centro histórico de Tiradentes, residentes que por motivo de trabalho, lazer ou moradia, convivem com o espaço histórico da cidade, e não uma amostragem representativa de toda a população de Tiradentes.

A terceira e última etapa da pesquisa consistiu em entrevistas não-estruturadas com atores-chave de Tiradentes. Sem qualquer roteiro previamente elaborado, as entrevistas foram focalizadas no aprofundamento do assunto com o qual o informante tinha estreita relação. Assim, entrevistou-se o Secretário de Turismo de Tiradentes; a Arquiteta e Diretora do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Tiradentes - IPHAN; o Pesquisador e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes e um Vereador da cidade, considerado o articulador e idealizador do projeto de interpretação patrimonial de Tiradentes.

2. O PATRIMÔNIO EDIFICADO, A INTERPRETAÇÃO PATRIMONIAL E O TURISMO

O atrativo turístico é considerado por vários autores (DIAS, 2003; IGNARRA, 1999; BOULLÓN, 2002) como a matéria-prima do turismo. Segundo Boullón (2002), a existência dessa matéria-prima, ou seja, do atrativo turístico numa determinada localidade, é essencial para que esta se torne um destino turístico dotado de equipamentos (meios de hospedagem, restaurantes, centros de entretenimento, etc.) e instalações turísticas (mirantes, circuitos de trilhas, etc.). (...) “Só a partir de sua presença [referindo-se ao atrativo turístico] pode-se pensar em construir empreendimento turístico que permita explorá-lo comercialmente”. (BOULLÓN, 2002, p. 57). Dentre as opções que se constituem em fatores motivadores do deslocamento dos turistas para uma determinada localidade, o patrimônio edificado é identificado como um atrativo turístico.

Em sua origem, a palavra patrimônio está ligada a estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade. Segundo Castriota (2004, p.10), no direito romano *patrimonium* significava “o conjunto de bens de uma pessoa, o que incluía desde a sua casa, terras e utensílios até os escravos, e as mulheres (que não eram cidadãos)”. Tudo o que não podia ter apropriação privada, tais como praças, templos, por exemplo, ficava fora do patrimônio, ou seja, era *extra patrimonium*. Choay (2001, p.11) busca na língua francesa a definição da antiga palavra patrimônio: “bem de herança que é transmitido, segundo as leis, dos pais e das mães aos filhos”.

Na contemporaneidade, o sentido da palavra patrimônio ainda carrega marcas da sua origem: “patrimônio é um conceito legal que tem a ver com o conjunto de bens e direitos que uma pessoa ou instituição possui” (CASTRIOTA, 2004, p.10). Entretanto, agrupam-se ao termo diversos adjetivos (natural, histórico, cultural, etc.), proporcionando à expressão uma ampliação do conceito. Da mesma forma, com o passar do tempo, essas expressões acabaram por sofrer alterações de sentido: da dimensão particular e privada, passaram a indicar, na modernidade, um sujeito coletivo.

Atualmente, o sentido da palavra patrimônio está intimamente ligado ao significado que indivíduos e comunidades atribuem aos componentes do espaço. Assim, o patrimônio engloba

as especificidades de uma cultura, ou seja, o cotidiano de um povo, sua forma de convívio e de expressão. Dessa forma, permite-se admitir que o patrimônio não é algo imposto, criado e transferido, mas sim valores atribuídos às obras de arte, edificações ou qualquer outro objeto que tenha um significado especial para indivíduos e comunidades.

Segundo Féres (2002), o patrimônio histórico abrange todos os elementos que formam a identidade de um lugar, o que inclui não apenas o patrimônio tangível, mas também o traçado urbano, seus símbolos, os valores intangíveis e a paisagem urbana que compõem o espaço. Assim, na concepção contemporânea de patrimônio histórico cabem desde as manifestações da ação humana aos elementos que constituem o espaço. Entretanto, entende-se por patrimônio edificado a categoria composta pelos elementos que possuem materialidade, ou seja, “o conjunto de bens e imóveis construídos pelo homem, aqui incluídas as obras da arquitetura e a própria cidade” (CASTRIOTA, 2004, p.12).

Com a concepção de que cultura não é composta apenas por obras de arte e manifestações eruditas e sim “é a maneira que o homem tem de se relacionar com a natureza e com os outros homens” (CASTRIOTA, 2004, p.10), o sentido da expressão patrimônio edificado não se refere apenas aos monumentos históricos, ou seja, bens de caráter único e excepcional como as edificações monumentais representadas por palácios e igrejas, por exemplo. Estão incluídas no sentido de patrimônio edificado, edificações não monumentais como a arquitetura rural, fábricas e diversas edificações que possuem valor para indivíduos e comunidade.

Na atualidade se pode afirmar que a presença de visitantes é um dos maiores desafios que enfrenta a gestão das destinações turísticas que possuem patrimônio edificado como atrativo. O fluxo de turistas nestes ambientes requer um cuidado especial para que as futuras gerações possam usufruir também de sua herança cultural e histórica.

Indo ao encontro da necessidade de uma gestão eficaz, que busque criar uma infra-estrutura adequada para o desenvolvimento da atividade turística em áreas de importância patrimonial, a interpretação patrimonial, além de potencializar o turismo local, cumpre também a função social de democratização do conhecimento e, conseqüentemente, valorização do patrimônio (GOODEY E MURTA, 1995).

A origem do termo interpretação está intimamente ligado à questão ambiental. A busca por refúgios naturais sempre levou os visitantes a percorrerem caminhos que, pela dificuldade do percurso, os faziam recorrer, na maioria das vezes, a pessoas familiarizadas com o ambiente. Estas tinham a função de guiar os visitantes, desviando-os dos possíveis obstáculos ao longo da jornada. De uma forma intuitiva, sem a preocupação com a utilização de técnicas formais, esses guias proporcionavam um aumento de interação entre os visitantes e o ambiente, dando origem ao que hoje se entende por interpretação patrimonial (IEF, 2002).

O início “formal” da interpretação patrimonial ocorre em 1957, com a contribuição de Freeman Tilden. Na publicação intitulada *Interpreting our Heritage*, Tilden (1957) abordou os principais temas e os princípios básicos da interpretação baseado em suas experiências no serviço de Parques Nacionais dos Estados Unidos da América. Até o final da década de 1960, o enfoque da interpretação esteve muito voltado para a comunicação gerada pela interação entre o recurso interpretativo e o visitante. Entretanto, na década de 1970 surgiu a necessidade de melhor planejar essa atividade, mudando assim o enfoque da interpretação para o planejamento (IEF, 2002).

A partir de meados da década de 1980, começou-se a utilizar o termo interpretação do patrimônio com um sentido mais abrangente do que o da interpretação ambiental. Hoje, ao considerar-se o termo patrimônio em seu sentido integral, estende-se sua denominação tanto ao meio natural quanto ao cultural e histórico. A esse respeito, Morales (1998) considera que a denominação interpretação do patrimônio se consolidou no Primeiro Congresso Mundial de Interpretação do Patrimônio, em Banff, Canadá, em 1985, quando a palavra patrimônio foi considerada mais ampla que a dimensão ambiental, englobando também aspectos, manifestações ou fenômenos relacionados com o meio cultural. A primeira definição acadêmica de interpretação, em 1957, propunha que:

“A interpretação é uma atividade educativa que pretende revelar significados e inter-relações através do uso de objetos originais, por um contato direto com o recurso ou por meios ilustrativos, não se limitando a dar uma mera informação dos fatos”⁴ (TILDEN *apud* BOLETÍN DE INTERPRETACIÓN, 1999, p. 12).

⁴ Tradução das autoras. Original em espanhol.

Após Tilden, surgiram numerosas definições de interpretação patrimonial ao longo dos anos, como a utilizada pela Asociación para la Interpretación del Patrimonio – AIP Espanha: “a interpretação do patrimônio é a arte de revelar in situ o significado do legado natural e cultural ao público que visita esses lugares em seu tempo livre”⁵ (BOLETÍN DE INTERPRETACIÓN, 1999, p. 1), e a formulada por Rideout-Cvitarese, Legg e Zuefle (1997, apud MORALES, 1998, p. 1): “a interpretação é uma atividade de comunicação realizada para melhorar a qualidade da experiência recreativa do visitante, e para inspirar, de uma forma agradável, um maior apreço pelo recurso”⁶.

Nesse contexto, o planejamento interpretativo surge como forma de revitalizar e promover o patrimônio ambiental urbano. Segundo Morales (apud ESTRADA, 2005), o planejamento interpretativo deve contemplar a formulação de objetivos, a análise dos recursos e suas potencialidades, o perfil dos futuros usuários, a definição das mensagens a serem transmitidas, os meios de interpretação, os equipamentos e serviços interpretativos necessários, as recomendações para avaliação da efetividade, finalizando na elaboração de um plano interpretativo.

Recentemente, o estudo da interpretação tem se direcionado para um novo enfoque: a avaliação da eficácia das atividades interpretativas aplicadas, a fim de se identificar a satisfação das necessidades dos visitantes (IEF, 2002).

3. RECURSOS UTILIZADOS NA INTERPRETAÇÃO PATRIMONIAL

Enquanto um “conjunto de técnicas de comunicação para revelar o significado de um sítio aos visitantes que chegam a ele”⁷ (MORALES, 2005), a interpretação necessita de recursos para sua realização: existem várias formas de se interpretar, com o uso de diferentes meios. Inicialmente é possível diferenciar a interpretação em duas formas: a guiada e a auto-guiada. A primeira delas é representada pelos guias interpretativos, ou seja, pessoas capacitadas para conduzir visitantes e interpretar o ambiente em que se encontram, de acordo com os objetivos propostos. Já as auto-guiadas recorrem à exposição de painéis e placas

⁵ Tradução da autora. Original em espanhol.

⁶ Tradução da autora. Original em espanhol.

⁷ Tradução da autora. Original em espanhol.

interpretativas, vídeos, sistemas de áudio como *walkman* e postos de escuta, desenhos e esculturas, por exemplo. Entretanto, cada uma das formas apresentadas possui suas especificidades. O QUADRO 1 sintetiza os pontos positivos e negativos de cada uma das modalidades: guiada e auto-guiada.

QUADRO 1

As modalidades e suas especificidades

Modalidade	Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Guiada	<ul style="list-style-type: none"> • Possibilita um contato pessoal com o intérprete. • Possibilita responder, pessoalmente, a quaisquer dúvidas. • Permite um controle mais eficaz da integridade do patrimônio. • Pelo fato do público ser guiado, o risco de degradar o ambiente é menor. • Adapta-se a condições diversas como eventos imprevistos e tamanho do grupo. • Os conteúdos e trajetos da atividade podem ser mudados, de uma temporada para outra, sem custos extras. • O nível de Interpretação é adaptável ao grupo. • A qualidade da mensagem é considerada alta, em função dos dois últimos itens. 	<ul style="list-style-type: none"> • A qualidade dependerá da habilidade e do conhecimento do guia. • O visitante é obrigado a acompanhar o ritmo do guia. • Com muitos visitantes, o resultado da interpretação pode ser comprometido. • Por trabalhar com poucos visitantes, a atividade pode não ser recomendada para locais onde a demanda é grande.
Auto-guiada	<ul style="list-style-type: none"> • Permite ao visitante seguir em seu próprio ritmo. • Serve de orientação para pessoas que estão perdidas. • Permite o acesso, independentemente da existência de um guia. • Pode ser uma alternativa para quem não gosta de participar de grupos organizados. • Permite receber um número maior de visitantes. • Indicado para aqueles pais que querem explicar a seus filhos aspectos de seu interesse e de seu nível de compreensão. • Pode direcionar o público para uma área que aceita uso mais intensivo, poupando outras áreas mais frágeis. 	<p style="text-align: center;">Aspectos Negativos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não responde dúvidas. • É suscetível de vandalismo. • O custo de manutenção pode ser alto. • O local pode ficar congestionado, se utilizado para outros fins não interpretativos. • Não é suscetível de adaptações. • Restringe-se ao estabelecido nos roteiros. • Não pode satisfazer às demandas de pessoas com diferentes níveis de conhecimento, dentro de um mesmo grupo.

Fonte: Livre adaptação de IEF (2002, p. 52)

As mensagens interpretativas são utilizadas tanto nos meios guiados quanto nos auto-guiados. Para a criação da mensagem, deve-se, segundo Morales (1998), estabelecer o que se quer que o público saiba, sinta e haja ao deparar-se com o recurso interpretativo.

De acordo com Morales (1998), a mensagem tem que ser atrativa e criada de forma que o visitante compreenda-a com rapidez. É preciso atentar para o fato de que os visitantes encontram-se em seu momento de lazer e, em sua maioria, não tão dispostos a permanecerem durante muito tempo lendo ou escutando algo. Há de se atrair a atenção do visitante,

permitindo-lhe captar todo o conteúdo da mensagem através de contrastes e elementos que proporcionem dinamismo e interação, por exemplo. Deve-se usar uma linguagem simples na mensagem, compreensível pelo visitante.

A parte visível da interpretação é o meio utilizado para a comunicação da mensagem interpretativa, ou seja, constitui o recurso utilizado para realizar a interpretação patrimonial, tal como publicações (mapas, folhetos, cartazes, roteiros ou guias); excursões guiadas ou auto-guiadas; dramatizações; palestras; exposições; modelos e maquetes; recursos audiovisuais (vídeos, filmes e guias portáteis de som); além de placas, painéis e letreiros. Estes instrumentos buscam revelar o significado do patrimônio de forma a atrair a atenção dos visitantes, com palavras de impacto e provocativas, em torno de um tema. Estabelece-se com os turistas e a comunidade local um processo de comunicação que busca estimular atitudes positivas que transcendam o momento da visita, contribuindo para a conservação e a valorização do patrimônio histórico: “Através da interpretação, a compreensão; através da compreensão, a apreciação, e através da apreciação, a proteção” (TILDEN *apud* GOODEY e MURTA, 2002, p. 14-15).

4. BREVE HISTÓRICO SOBRE TIRADENTES

A cidade mineira de Tiradentes está localizada na mesorregião Campo das Vertentes e na microrregião de São João del Rey. A respeito da distância aos principais centros brasileiros, Tiradentes está localizada a 225 km da capital mineira, Belo Horizonte, a 335 km do Rio de Janeiro, a 485 km de São Paulo, a 610 km de Vitória e a 915 km de Brasília.

Tiradentes possui uma área total de 83,21 km² e, de acordo com o censo de 2000, uma população total de 5.755 habitantes. Quanto aos equipamentos e serviços turísticos, segundo informações da Prefeitura da cidade, atualmente Tiradentes possui 108 meios de hospedagens e 51 restaurantes que atendem à demanda turística local.

Tiradentes foi fundada por volta de 1702, quando os paulistas descobriram ouro nas encostas da Serra de São José. Batizada inicialmente com o nome de Santo Antônio do Rio das Mortes e posteriormente sendo conhecida como Arraial Velho, tornou-se vila, em 1718, com o nome

de São José, em homenagem ao príncipe D. José, futuro rei de Portugal. Em 1860, a Vila de São José foi elevada à categoria de cidade e em 6 de dezembro de 1889, recebeu o atual nome de Tiradentes em homenagem à Joaquim José da Silva Xavier, o “Tiradentes”, líder da chamada Inconfidência Mineira (SENAC, 2005).

Durante todo o séc. XVIII, a Vila de São José viveu o seu auge econômico, sendo reconhecida como um dos importantes centros produtores de ouro de Minas Gerais. Entretanto, a cobiça e a corrida incessante pelo ouro tiveram como resultado o esgotamento das jazidas na região da Serra São José. Ao final do ciclo do ouro, no século XIX, a vila, marcada pela dependência econômica do ouro, se transformou num cenário de pobreza, permanecendo assim durante décadas. Este declínio econômico de Tiradentes contribuiu para a conservação do conjunto urbanístico-arquitetônico da cidade: “por um lado, os que nela residiam não tinham necessidade, e muito menos posses, para demolir e construir, e os de fora não viam interesse em nela investir” (PELLEGRINI, 2000, p.35).

O conjunto arquitetônico de Tiradentes tem em sua expressão artística, a particularidade do barroco mineiro do século XVIII. A FIG. 1 ilustra o casario colonial e uma rua típica de Tiradentes. O conjunto arquitetônico tiradentino foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN⁸, em 20 de abril de 1938. Uma das áreas tombadas é a Estação ferroviária (FIG 2).

De acordo com a literatura, a estagnação econômica do séc. XIX de Tiradentes, oriunda da decadência da atividade mineradora, perdurou até a segunda metade do séc. XX. A partir deste período, iniciou-se uma nova fase na cidade com a confecção de jóias artesanais. Este novo cenário econômico adquiriu força com o florescimento do turismo.

Como algumas das causas para essa ascensão da atividade turística em Tiradentes pode-se citar, além de sua potencialidade singular, a exposição na mídia⁹ e o auxílio da Fundação Roberto Marinho¹⁰. A cidade também conta com eventos religiosos tradicionais como o ritual religioso da Semana Santa. Dentre os eventos de repercussão nacional promovidos a partir de

⁸ SPHAN, atualmente IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁹ Minissérie “Hilda Furacão” e novela “Coração de Estudante” exibidas na Rede Globo de Televisão.

¹⁰ Apoio de R\$ 1,5 milhão para a restauração da Igreja Matriz de Santo Antônio (BNDES, 2005).

1990, vale citar a Mostra de Cinema de Tiradentes e o Festival Internacional de Cultura e Gastronomia - com participação de *chefs* estrangeiros e brasileiros.

5. O PROJETO DE SINALIZAÇÃO INTERPRETATIVA EM TIRADENTES

O projeto de sinalização interpretativa de Tiradentes foi implementado em 2001, com o objetivo de “destacar o caráter diferencial de suas atrações culturais, estimular o olhar do visitante, diversificar o produto turístico e (...) despertar o interesse e orgulho da comunidade sobre o significado de seu patrimônio cultural, incentivando práticas preservacionistas”. (ALBANO, 2002, p. 275).

Reconhecendo a importância do acervo artístico de Tiradentes como testemunho de uma sociedade urbana do Brasil colônia, Albano (2002) salienta que a criação de uma sinalização interpretativa em Tiradentes teve o “objetivo de tornar ainda mais forte a sua imagem como lugar de memória coletiva de uma cultura singular” (ALBANO, 2002: 279). O imaginário coletivo do barroco seria, assim, segundo Albano, fator fundamental na construção da identidade coletiva do povo mineiro, possibilitando seu trânsito entre o passado e o presente, ou seja, o diálogo.

Albano (2002, p. 275) salienta que alguns princípios básicos são necessários para uma interpretação “bem sucedida” e esses princípios influenciaram o projeto de Tiradentes: 1) o envolvimento de diversos setores da comunidade em todo o processo do trabalho, ao detectar que “eles [moradores] detêm o conhecimento mais rico e aprofundado sobre o local” (ALBANO, 2002, p. 275). Para Albano, a escolha de profissionais que morem na cidade ou que tenham uma certa familiaridade com o local é importante, dentro da perspectiva de uma equipe multidisciplinar; 2) a definição de um tema central que revele o significado da cidade e, a partir dessa definição a seleção das edificações, dos fatos e dos personagens a serem interpretados; 3) a elaboração de textos interpretativos que sejam interessantes e de fácil compreensão para o público, “que contenham informações intrigantes sobre a característica do lugar” (ALBANO, 2002, p. 275); 4) a criação de *design* atraente, atentando para a escolha dos materiais, das cores e das ilustrações para as peças de sinalização a fim de despertar curiosidades, orientar e revelar significados, apresentados de forma a causar o mínimo de

impacto na paisagem da cidade. Da mesma forma, os painéis e placas devem ser “resistentes e de fácil limpeza” (ALBANO, 2002, p. 281); 5) a utilização da mensagem como ferramenta para promover o “zelo e cuidado com o patrimônio” (ALBANO, 2002, p. 275).

Para a execução do projeto de Tiradentes, optou-se por uma sinalização interpretativa com o uso de painéis e placas (selos) instalados em “largos, ruas, igrejas, edificações públicas e residências particulares” (ALBANO, 2002, p. 275) a fim de realçar a história e as características arquitetônicas e culturais da cidade. Inicialmente foram levantados os principais monumentos e edificações de valor histórico, as personalidades e os roteiros de maior afluxo na cidade. Num segundo momento, houve a definição do conteúdo das mensagens para compor as peças interpretativas.

Para a instalação de painéis e selos com texto e ilustração das atrações turísticas, optou-se por escolher material que combinasse com os treze totens confeccionados para informar, por meio de setas, o sentido dos monumentos mais significativos da cidade (ALBANO, 2002). Assim, os painéis foram confeccionados em metal e receberam uma pintura na cor azul. Tem a sua base fixada no chão com uma face vertical de, aproximadamente, 1,30m de altura. Finalizam-se numa parte superior inclinada. Sobre esta face são fixados painéis de vidro com os textos impressos correspondentes ao patrimônio. A FIGURA 1 apresenta o painel do atrativo Chafariz de São José.

Segundo Albano (2002), dezesseis patrimônios (culturais e naturais) foram selecionados para receber os marcos referenciais (painéis interpretativos), dentre eles a Matriz de Santo Antônio, o Largo das Forras, o Chafariz de São José, o Bosque da Mãe d'Água, o Museu Padre Toledo, a Igreja de São João Evangelista, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, a Igreja de Bom Jesus Agonizante e a Igreja Santo Antônio do Canjica.



Figura 1 - Tiradentes: Sinalização Interpretativa – Chafariz de São José.

A título de exemplo, o QUADRO 2 apresenta alguns dos textos que, segundo a autora, constaram do projeto de sinalização interpretativa de Tiradentes para serem dispostos nos painéis.

QUADRO 2

Textos propostos para os painéis interpretativos de Tiradentes

Patrimônio	Texto
Matriz de Santo Antônio	Iniciada em 1710 no lugar da capela primitiva, é uma das mais belas igrejas das vilas do ouro. Em 1810, sua fachada recebeu o risco marcante de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que manteve a leveza do estilo rococó. No seu interior a profusão de formas da capela-mor, a exuberante talha dourada e o teto pintado a ouro reforçam o espaço cênico do barroco.
Serra de São José	Encravada entre os maciços da Serra do Mar e do Espinhaço, possui 12 km de extensão e percorre os municípios de Tiradentes, Prados, São João Del Rei, Coronel Xavier Chaves e Santa Cruz de Minas. Sua história geológica data de milhões de anos e aí podem ser encontrados vestígios da época em que a região foi fundo de mar. Em 1990, reconhecendo sua importância e singularidade o governo de Minas Gerais decreta esta região Área de Proteção Ambiental.

Fonte: Albano (2002, p. 279)

Durante a pesquisa de campo em Tiradentes, constatou-se que algumas edificações que constaram do projeto não receberam a sinalização interpretativa. A Matriz de Santo Antônio, por exemplo, não recebeu o painel por encontrar-se em reforma no período de instalação. Já no Largo das Forras foi instalado um painel interpretativo, mas, como o vidro foi quebrado, a

prefeitura decidiu retirá-lo. A situação atual de alguns painéis e selos interpretativos de Tiradentes está apresentada no QUADRO 03.

QUADRO 3

Situação atual de alguns painéis e selos interpretativos de Tiradentes

Local	Recurso Interpretativo	Estado atual	Observação
Matriz Santo Antonio	-	-	Apesar de constar no projeto, o painel nunca foi instalado na Matriz. Foi confeccionado e encontra-se na prefeitura. Segundo o presidente da Câmara de vereadores, será instalado em breve.
Museu Padre Toledo	Painel	Regular	Como não houve qualquer tipo de manutenção encontra-se com a base de metal enferrujada e a superfície de vidro suja e deteriorada.
Chafariz de São José	Painel	Bom	Em comparação com os demais painéis, encontra-se em bom estado, apesar da falta de manutenção.
Igreja Nossa Senhora do Rosário	Painel	Regular	A base de metal enferrujada e o vidro sujo e deteriorado.
Cadeia	Selo	Bom	-
Igreja Nossa Senhora das Mercês	Painel	Ruim	Encontra-se muito degradado.
Igreja São João Evangelista	Painel	Péssimo	Completamente degradado.
Estação Ferroviária Sobrado Ramalho	Selo Selo	Bom Retirado	- O vidro foi quebrado. O selo foi retirado do local.
Santuário da Santíssima Trindade	Painel	Ruim	Encontra-se bastante degradado.
Igreja Bom Jesus da Pobreza	Painel	Péssimo	Como a igreja está em reforma, retiraram a placa de vidro e deixaram apenas a base de metal. A intenção é que após a reforma, a placa de vidro retorne novamente para a sua base. Segundo um morador local, a placa quando foi retirada estava totalmente quebrada.
Igreja Santo Antônio do Canjica	Painel	Regular	-
Largo das forras	Painel	Retirado	Havia um painel interpretativo, mas como o vidro estava quebrado e a base de metal degradada, a prefeitura o retirou.
Bosque Mãe d'água	Painel	Bom	-
Centro Cultural Yves Alves	Selo	Bom	-
Casa do Comendador Assis	Selo	Bom	-
Biblioteca do Ó	Selo	Bom	-
Passos da Paixão de Cristo	Selo	Bom	-

Fonte: Pires (2006)

Percebe-se que, com o passar do tempo, os painéis e selos sofreram deterioração, seja pelo vandalismo ou pelo intemperismo. Alguns entrevistados afirmaram ter alertado os responsáveis pelo projeto interpretativo de Tiradentes sobre a utilização de vidros nos painéis e selos, pois este tipo de material seria facilmente degradado por vandalismos. Entretanto, os executores acreditavam que isso era um processo de educação patrimonial a ser trabalhado com a população local e os turistas. Por outro lado, os entrevistados apontam a falta de manutenção dos painéis e selos, o que contribuiu para a degradação do material.

Os entrevistados assinalaram também que houve resistência da população local ao material utilizado no projeto interpretativo, considerado moderno e esteticamente incompatível com o ambiente da cidade. A responsável pelo projeto justificou a escolha com base na verba disponível.

6. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO JUNTO AOS MORADORES

A amostra de moradores de Tiradentes apresentou um perfil jovem, tendo como nível de escolaridade predominante o fundamental incompleto. Dos 80 moradores que responderam aos formulários da pesquisa, a grande maioria (77 entrevistados) reconheceu Tiradentes como uma cidade que possui construções do período colonial. Entretanto, desses 77 moradores, 22 admitiram não conhecer a história dessas construções. Os 55 moradores restantes responderam, em ordem decrescente de importância, suas fontes de informação a esse respeito: a escola, os livros e guias publicados, parentes/ amigos, cursos e outros. Não foi mencionada a sinalização interpretativa por nenhum deles.

Vale ressaltar que, apesar do projeto de interpretação patrimonial de Tiradentes ter tido o intuito de aumentar a compreensão dos tiradentinos sobre a história da cidade, o mesmo não contou com qualquer tipo de envolvimento dos moradores, segundo um dos entrevistados.

Ao se perguntar aos 80 moradores participantes da pesquisa se tinham conhecimento do que tratavam os painéis azuis, mais da metade deles (64% ou 51 moradores) sabia que os painéis continham textos com informações sobre os atrativos, dos quais 13 afirmaram que os textos

eram insuficientes ou superficiais, um considerou-os pouco elaborados e 9 não os leram. Os 36% restantes (29 moradores) não sabiam do que os painéis tratavam. Assim, pode-se concluir que as placas interpretativas não despertaram interesse em grande parte dos moradores entrevistados.

7. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO JUNTO AOS TURISTAS

Dos 93 turistas que participaram da pesquisa, mais da metade respondeu que Tiradentes não oferecia informações sobre seus atrativos históricos. 31 participantes afirmaram ter tido acesso a informações sobre os atrativos históricos da cidade, porém apenas 2 deles citaram a sinalização interpretativa como fonte. O material impresso (*folder*) foi a fonte de informação mais citada.

Quanto à avaliação das informações recebidas, 87 % dos 31 turistas que afirmaram ter recebido alguma informação sobre os atrativos históricos de Tiradentes (ou seja, 27 participantes) admitiram que estas foram essenciais e indispensáveis em sua estada na cidade.

Para investigar o acesso dos turistas a informações específicas sobre o patrimônio que se encontravam visitando, foi perguntado “*in loco*” se os mesmos haviam recebido, ou não, alguma informação sobre o atrativo visitado. Apesar dos locais em que os turistas se encontravam disporem de placas interpretativas, 65% dos turistas (60 participantes) afirmaram que não haviam recebido qualquer tipo de informação. Ao se cruzar esse resultado com o atrativo em que os turistas se encontravam, obtém-se os resultados apresentados no GRAF. 2, no qual acima de cada coluna está apresentada a frequência absoluta das respostas. Observa-se que os três atrativos apresentaram resultados semelhantes.

Foi indagado aos turistas que responderam ter recebido informações sobre o atrativo visitado quais as fontes de informações utilizadas, a fim de verificar o quanto a sinalização interpretativa estivera presente no processo. Os resultados são apresentados no GRAF. 3.

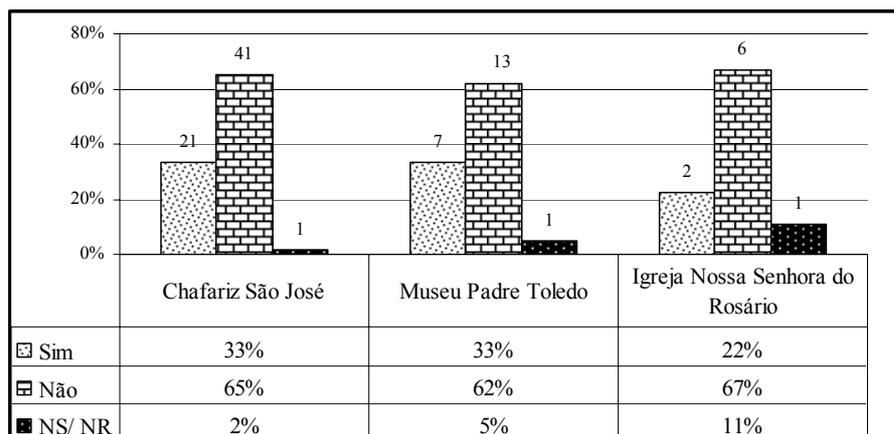


GRÁFICO 2 - Acesso a informações sobre o atrativo visitado pelos turistas participantes Fonte: Pires (2006)

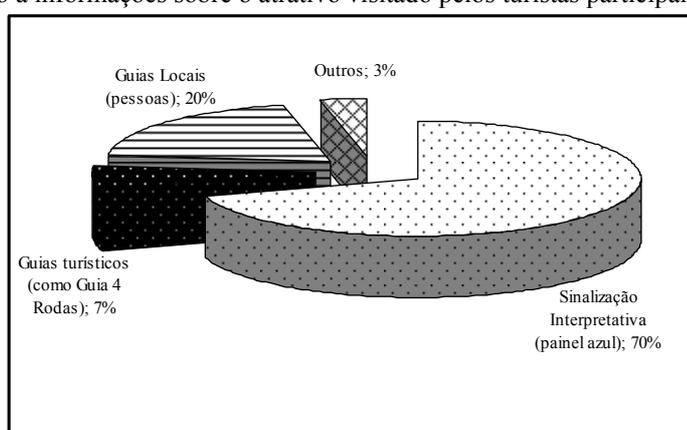


GRÁFICO 3 - Fontes de informação sobre os atrativos Fonte: Pires (2006)

Dos 30 turistas que responderam que receberam informações específicas sobre o atrativo que visitavam, a maior parte deles identificou a sinalização interpretativa como a fonte de informação (21 participantes), seguida dos guias locais (6 participantes). Os guias turísticos, como o Guia 4 Rodas, e outros materiais impressos foram apontados por 2 pessoas. Quanto à compreensão dos textos, dos 21 turistas que identificaram a sinalização interpretativa como fonte de informação, 19 avaliaram os textos como muito fáceis.

A fim de aprofundar a avaliação das informações apresentadas, perguntou-se aos participantes que haviam identificado a sinalização como fonte das informações sobre os atrativos (21 turistas) se essas informações eram suficientes, se haviam aumentado o seu conhecimento sobre o local, se eram atraentes e, por fim, se haviam despertado curiosidade, ou seja, feito com que tivessem um interesse maior sobre o assunto. Cada coluna do GRAF. 4 apresenta a frequência absoluta das respostas.

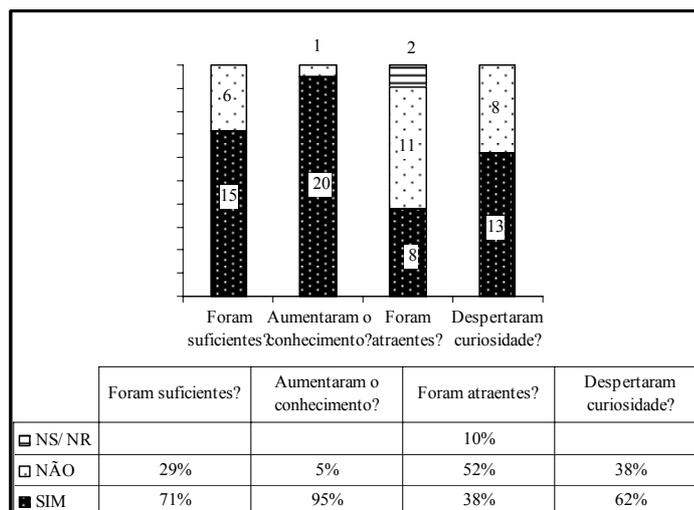


GRÁFICO 4 - Avaliação das informações apresentadas na sinalização interpretativa Fonte: Pires (2006)
Os resultados do GRAF. 4 permitem afirmar que os textos aumentaram o conhecimento de quase todos os turistas que usaram a sinalização interpretativa como fonte de informação, que as informações foram consideradas suficientes e despertaram a curiosidade para a maioria deles. Entretanto, uma minoria (8 turistas) considerou a sinalização atraente.

Para os participantes que afirmaram ter recebido informações sobre os atrativos por meios distintos da sinalização interpretativa, os que declararam não ter recebido qualquer informação sobre eles ou que não souberam responder, 72 turistas ao total, foi perguntado por que não haviam citado os painéis azuis, ou seja, a sinalização interpretativa como fonte de informação (nesse momento, os pesquisadores indicavam os painéis aos turistas, uma vez que eles se encontravam perto dos mesmos). A maioria dos turistas afirmou não ter visto os painéis (64% ou 46 turistas). Este resultado permite afirmar que a sinalização interpretativa de Tiradentes foi disposta de tal forma que não atrai a atenção de parte dos visitantes, comprometendo assim o acesso às informações.

8. COMPARAÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA INTERPRETAÇÃO PATRIMONIAL E O PROJETO DE SINALIZAÇÃO INTERPRETATIVA DE TIRADENTES

A síntese dos resultados da pesquisa de campo será apresentada fazendo-se um paralelo com os *princípios básicos da interpretação patrimonial apresentados por Albano (2002)*, influenciadores do projeto de sinalização interpretativa de Tiradentes:

1. Envolvimento de diversos setores da comunidade em todo o processo de interpretação patrimonial: no caso de Tiradentes, apenas alguns representantes do IPHAN e do poder público de Tiradentes participaram da confecção dos textos e da decisão do posicionamento das placas. Ressalte-se que nenhum morador que participou da pesquisa em Tiradentes indicou a sinalização interpretativa como fonte de conhecimento sobre as construções históricas da cidade. Entretanto, mais da metade da população pesquisada (64% ou 51 moradores) sabia que os painéis correspondiam a textos sobre os atrativos. Supõe-se que estes resultados estejam relacionados ao pouco envolvimento da comunidade no projeto.
2. Definição de um tema central que revele o significado da cidade e, a partir dessa definição, seleção das edificações, dos fatos, e dos personagens a serem interpretados: seria necessário a extensão da pesquisa para possibilitar avaliação do processo de definição de tema e dos atrativos interpretados.
3. Elaboração de textos interpretativos que sejam interessantes: dos 80 moradores pesquisados, apenas 26 deles tinham conhecimento do que tratavam os painéis interpretativos, e os achavam interessantes/ instrutivos ou afirmaram ter aumentado seu conhecimento sobre o assunto através deles. Dos 93 turistas participantes da pesquisa, 72 responderam não ter recebido informação alguma sobre os atrativos ou apenas as informações apresentadas por guias turísticos locais ou material impresso (*folder*).
4. Elaboração de textos interpretativos que sejam de fácil compreensão para o público: dos 51 moradores pesquisados que tinham conhecimento do que tratavam os painéis interpretativos, apenas um deles respondeu que achava os textos complicados. Dos 93 turistas participantes da pesquisa, 19 deles identificaram a sinalização interpretativa como fonte de informação, com textos muito fáceis de serem compreendidos. Um turista avaliou os textos como razoavelmente fáceis e o outro, como difíceis. Os 72 turistas restantes não perceberam a sinalização interpretativa como fonte de informação.
5. Elaboração de textos interpretativos que contenham informações intrigantes sobre a característica do lugar: não foi feito um estudo sobre a elaboração dos textos. Entretanto, dos 21 turistas que admitiram os painéis interpretativos como fontes de informação, 13 afirmaram que os textos despertaram curiosidade.
6. Utilização da mensagem como ferramenta para promover a apreciação e proteção do patrimônio: seria necessário outro estudo para a avaliação de comportamentos e tendências preservacionistas.

7. Criação de design funcional e atraente, atentando para a escolha dos materiais, das cores e das ilustrações: diversos problemas foram apontados acerca do design e dos materiais usados na sinalização de Tiradentes. Por exemplo, o vidro utilizado produz uma sombra que dificulta a leitura; a inclinação da superfície de metal também favorece sombreamento nos textos; existe uma lacuna entre o vidro e a base de metal que é usada pela população para afixar papéis diversos, impedindo a leitura dos textos; a água da chuva, ao entrar em contato com o fundo do vidro, também dificulta a nitidez do texto.

8. Criação de peças resistentes e de fácil limpeza: o poder público local não faz manutenção periódica das peças. Atualmente, os painéis e selos estão sujos. A base de metal encontra-se enferrujada. Os vidros das peças não resistiram: muitos se encontram quebrados, outros foram retirados.

9. Criação de peças que promovam uma relação harmônica com o sítio existente, de forma a causar o mínimo de impacto na paisagem da cidade: de acordo com um dos entrevistados, os moradores e o poder público acharam as peças inadequadas para a cidade. No entanto, houve cuidado ao se instalar as peças, sendo que muitas delas estão afixadas nas laterais dos atrativos para não comprometer esteticamente os sítios.

10.

9. CONCLUSÃO

O estudo de caso, focalizando a sinalização interpretativa de Tiradentes, possibilitou colocar a prática interpretativa na perspectiva da realidade brasileira. Os resultados da pesquisa poderão ser de grande valia para a cidade, a fim de embasar intervenções futuras.

Conquanto os resultados tenham indicado que a população local pesquisada não reconhece a sinalização interpretativa como fonte de aprendizagem sobre as construções históricas de Tiradentes, a maioria dos habitantes participantes da pesquisa conhece os painéis azuis e sabe que contêm textos informativos sobre os atrativos. Os resultados também indicam que a sinalização interpretativa não tem possibilitado um maior entendimento sobre o conjunto dos atrativos turísticos de Tiradentes pela maioria dos turistas que participaram da pesquisa, pois apenas um turista citou a sinalização como forma de obtenção de informação essencial sobre os atrativos.

A interpretação não causou um impacto significativo na interação entre o patrimônio visitado e o turista. Apesar dos locais em que os turistas se encontravam no momento da pesquisa disporem de placas interpretativas, apenas uma pequena parcela dos entrevistados identificou a sinalização interpretativa como forma de apresentação de informação específica sobre o atrativo visitado.

A pesquisa apontou aspectos que interferiram na eficiência do projeto de interpretação patrimonial de Tiradentes. Assim, o projeto não contou com participação efetiva da comunidade em seu planejamento, na escolha do patrimônio a ser interpretado, na elaboração dos textos e na escolha dos recursos utilizados. O orçamento reduzido, a falta de apoio para que o projeto continuasse e a ausência de manutenção sistemática também foram identificados como problemas relevantes. A pesquisa indicou que o *design* das placas não é considerado funcional, com a escolha de materiais considerados inadequados e peças pouco atraentes. Além disso, a disposição das placas comprometeu sua visibilidade.

Os resultados surpreendem ao demonstrarem o baixa impacto da sinalização interpretativa de Tiradentes na percepção dos turistas e da comunidade local. Provavelmente devido às condições adversas citadas acima, não se conseguiu alcançar os objetivos propostos. Entretanto, é reconhecida a importância deste projeto pelo seu caráter inovador, pelo estímulo que representa a ações que visem a valorização do patrimônio e pela oportunidade proporcionada de estudos sobre a adequação da interpretação patrimonial ao país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALAMO, Javier Benayas del. La formación sobre interpretación entra en la universidad española. **Boletín de Interpretación**. Sevilha, n. 1, p. 8-9, jun. 1999. Disponível em <<http://www.interpretaciondelpatrimonio.com/boletin.htm>>. Acesso em 02 abr. 2005.
- ALBANO, Celina; MURTA, Stela Maris (orgs). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. 3. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- CASTRIOTA, Leonardo B. Patrimônio: Conceitos e perspectivas. In: BESSA, Altamiro S. M. (coord.). **Preservação do Patrimônio Cultural: nossas casas e cidades, uma herança para o futuro**. Belo Horizonte: CREA-MG, 2004.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Estação Liberdade: 2001.
- DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo**. Política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.
- EMBRATUR. Ministério do Turismo. **Estatísticas Básicas do Turismo, 2005**. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/site/br/dados_fatos/home/>. Acesso em 04 de abril de 2006.
- ESTRADA, Nuria. **La interpretación del patrimonio como herramienta para la conversión del recurso patrimonial em producto turístico cultural. Reflexiones y propuestas**. Disponível em <<http://www.interpretaciondepatrimonio.com>>. Acesso em 16 abr. 2005.
- GOODEY, Brian; MURTA, Stela. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: ALBANO, Celina; MURTA, Stela Maris (orgs). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 13-46
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- MORALES, Jorge (1998). La intepretación del patrimonio natural e cultural: todo um caminho por percorrer. **Boletín PH**. Andalucía, n. 25, p. 15-16, dez. 1998.
- _____. (2004). **La interpretación, en su acepción de comunicación atractiva in situ**. Disponível em: <<http://www.gestioncultural.org/gc/boletin/2004/boletininterpretacion.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2005.
- _____. (2005) **La planificación interpretativa asegura la excelencia em interpretación**. Disponível em <<http://www.interpretaciondelpatrimonio.org/documentos..htm>>. Acesso em 06 jan. 2005.
- PELLEGRINI, Américo. **Turismo Cultural em Tiradentes**. São Paulo: Manole, 2000.
- SENAC. Estrada Real: **Caminho Velho - Dados Municipais: Tiradentes**. Disponível em <<http://www.descubraminas.com.br>>. Acesso em 02 jul. 2005.
- SETUR. Secretaria de Estado do Turismo de Minas Gerais. **Estatística do Turismo Doméstico 2001**. Disponível em <<http://www.turismo.mg.gov.br>>. Acesso em 15 jan. 2005.
- TILDEN, Freeman. *Interpreting our Heritage*. [S.I.] University of North Carolina Press, 1967.